

EDITORIAL

Sobre percursos editoriais e geográficos, trajetórias de vida e de pesquisa

É com grande alegria que apresentamos a primeira edição de 2025 da Revista *Espaço Aberto*, publicação do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Este número não apenas marca a continuidade de nosso compromisso com a construção coletiva e aberta do conhecimento, mas também um momento simbólico de homenagem e de transição.

Ao longo dos últimos anos, duas editoras desempenharam um papel central na consolidação desta publicação: as professoras Ana Maria Bicalho e Telma Mendes. Com dedicação paciente e rigorosa, elas deram forma ao que hoje é reconhecido como uma revista de referência em sua área. Editaram dezenas de artigos, supervisionaram pareceres, orientaram autoras, autores e avaliadores, e construíram os critérios que hoje sustentam a qualidade do que publicamos. Sob sua condução, a revista alcançou reconhecimento científico, conquistando a indexação em bases relevantes e a avaliação A1 no Qualis CAPES, uma trajetória que reflete compromisso com a qualidade editorial e com a seriedade acadêmica. Dedicamos, portanto, esta edição a ambas, na esperança de que estejamos à altura do trabalho que elas realizaram.

É com esse espírito de continuidade e renovação que apresentamos os artigos deste número, que refletem vividamente a diversidade da pesquisa geográfica contemporânea. O artigo que abre a edição, assinado por **Felipe Gonçalves Amaral** e **Carla Bernadete Madureira Cruz**, intitula-se “A Geocologia e a Geoinformação como conjunto teórico-metodológico para a investigação e ordenamento da paisagem na Geografia Contemporânea”. Nele, os autores ressaltam o papel crítico da Geocologia e da Geoinformação como fundamentos teórico-metodológicos para a compreensão e gestão de paisagens físico-geográficas. Os autores defendem uma abordagem holística e integradora para enfrentar os desafios ambientais contemporâneos e promover o desenvolvimento sustentável, destacando como as geotecnologias, o SIG e o sensoriamento remoto são ferramentas essenciais para representar e analisar realidades socioambientais complexas.

Em seguida, **Matheus Magalhães de Oliveira Del Rosso Soares** e **Daniel Abreu de Azevedo** aprofundam-se nas dinâmicas globais em seu artigo “Geopolítica dos mares: um comparativo dos artigos científicos no Brasil e no mundo desde a Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar (CNUDM)”. Este estudo utiliza a revisão de escopo para comparar a produção acadêmica brasileira e internacional

sobre a geopolítica dos espaços oceânicos, revelando convergências e divergências que expõem as particularidades do pensamento estratégico nacional. O artigo destaca a ampliação do conceito de poder marítimo para incluir aspectos não militares e de governança, mostrando como o foco geográfico e a natureza da pesquisa variam entre diferentes regiões e períodos e como a aplicação de metodologias de revisão de escopo permite mapear diferentes paisagens do conhecimento.

A inserção internacional do Brasil, ora observada sob a ótica do poder marítimo, é agora examinada a partir de suas crises internas, no artigo de **Raíssa Ferreira Figueiredo e Lirian Melchior** intitulado “Crise brasileira durante os governos Dilma e a nova onda migratória para os Estados Unidos”. Sua pesquisa lança luz sobre a nova onda de migração brasileira para os EUA, especialmente para a Flórida, impulsionada pelas crises econômica e política durante o governo Dilma Rousseff. O artigo identifica um perfil socioeconômico distinto entre esses migrantes, predominantemente da classe média, motivado pela insatisfação com o clima político, a instabilidade econômica e a percepção de ameaça ao seu padrão de vida. Este estudo oferece insights sobre a complexa interação entre crises nacionais e padrões migratórios internacionais. Em um aprofundamento dessas dinâmicas humanas, o artigo seguinte nos leva à experiência individual e à natureza multifacetada das fronteiras.

Caio Fernandes, em seu artigo “A multiplicação das fronteiras nos trânsitos migratórios: experiência de uma travessia a barco”, aprofunda a compreensão das dinâmicas globais ao focar na experiência individual e corporificada da travessia de espaços. Fernandes explora como a fronteira se manifesta e se multiplica para além de seus limites físicos, moldando os trânsitos migratórios e revelando desigualdades profundas na mobilidade. Através da narrativa vívida de François, um jovem guineense que empreendeu uma perigosa jornada de barco, saindo da Guiné na intenção de chegar à França, o estudo ilustra os perigos imprevistos e os complexos desafios burocráticos e sociais enfrentados pelos migrantes.

Em “Integração entre a metrópole do Rio de Janeiro e a aglomeração urbana de Macaé”, **Oséias Teixeira da Silva** explora as dinâmicas de conexão entre espaços urbanos. O autor investiga três modalidades de integração urbana: os deslocamentos cotidianos (para trabalho, estudo ou lazer), a integração funcional (formação de redes urbanas hierárquicas para bens e serviços) e a integração regional (fluxos de mercadorias e pessoas em ritmos variados), utilizando a relação entre a metrópole do Rio de Janeiro e a aglomeração urbana de Macaé (AUM) como exemplo. A pesquisa revela intensos fluxos diários de pessoas e bens, indicando uma forte conexão funcional, apesar da distância física.

O foco se desloca, então, para a análise de equipamentos e dinâmicas que moldam o espaço urbano e social. Em “Presídios de segurança máxima e espaço

urbano: um estudo para Argentina, Brasil e México”, **Clovis Ultramari, Altair Rosa, Agnes Silva de Araujo e Maria Tereza Uille Gomes** realizam um estudo comparativo sobre a inserção territorial de presídios de segurança máxima, demonstrando como essas estruturas frequentemente levam à desqualificação urbanística e à fragmentação territorial, em grande parte devido à ausência de políticas públicas integradas. Os autores defendem uma ampliação do conceito de geografia carcerária para incorporar parâmetros territoriais, urbanos e regionais mais amplos na localização dessas instalações. Este artigo ilustra de forma contundente como usos específicos do solo podem moldar e redefinir paisagens urbanas, muitas vezes ampliando os contrastes socioespaciais.

Em continuidade ao tema dos usos específicos do solo urbano, **Patrícia Luana Costa Araújo** apresenta “Análise de identificação da Zona de Prostituição na cidade do Rio de Janeiro”. Este estudo investiga minuciosamente a persistência e as características espaciais das zonas de prostituição no Rio de Janeiro, demonstrando seu deslocamento de áreas centrais para áreas mais periféricas devido às transformações urbanas e à necessidade de coexistência com as atividades vizinhas. Ao identificar cinco variáveis-chave que definem essas zonas, a pesquisa oferece uma compreensão aprofundada de como as atividades humanas, mesmo aquelas marcadas por estigma social, moldam e são moldadas pela morfologia e pelas políticas urbanas. Os resultados destacam o papel crítico da análise espacial detalhada e do trabalho de campo na revelação de geografias urbanas muitas vezes ocultas. Ambos os artigos, sobre presídios e sobre zonas de prostituição, enfatizam a relação complexa e frequentemente problemática entre funções urbanas específicas e o tecido urbano mais amplo, sublinhando a necessidade de um planejamento espacial cuidadoso.

Já o artigo de **Carlos Henrique Pires Luiz Casteloni e Valdir Adilson Steinke**, “Cadastro Ambiental Rural: quanto falta e quanto sobra após 10 anos de implementação?” nos leva à importante interseção entre política ambiental e uso da terra no Brasil rural. A análise revela como a fragilidade dos registros e a lentidão na validação do Cadastro Ambiental Rural (CAR) têm contribuído para legitimar ocupações ilegais, especialmente na Amazônia, em áreas de florestas públicas e unidades de conservação. Esses mecanismos, como mostram os autores, atuam tanto como dispositivos técnicos quanto políticos de ordenamento e disputa do território. Além disso, a pesquisa demonstra o papel de dados espaciais precisos e de sua análise (ecoando os temas de Geocologia e Geoinformação que abriram o volume) na governança ambiental, ressaltando os desafios para alcançar a regularidade ambiental e resolver conflitos fundiários.

Ambiguidades fundiárias e o avanço da fronteira agropecuária compõem também o pano de fundo do dossiê “Jalapão”, que é o tema da resenha crítica e poética

assinada por **Leticia Parente Ribeiro** e **Ana Brasil Machado** intitulada “Jalapão+80: a espiral de um percurso geográfico”. As autoras analisam como os artigos do dossier, frutos de uma expedição a campo em 2023, dialogam com o relato de uma jornada precursora de 1943. Mobilizando a memória de Pedro Pinchas Geiger e o gesto artístico de Anna Bella Geiger, o artigo discute o próprio fazer geográfico como um percurso em espiral, de aproximações e distanciamentos, que revela tanto as metamorfoses do espaço quanto o caráter situado do olhar do pesquisador. Ao entrelaçar os registros da expedição de 1943 e da jornada de 2023 à luz das transformações recentes na região, o texto revela como a expansão da fronteira agrícola tensiona, reconfigura e inscreve novas camadas sobre paisagens antes vistas como marginais ou vazias. O Jalapão aparece, assim, como um campo privilegiado para observar o embate entre normas cartográficas, políticas de conservação, interesses econômicos e práticas locais de apropriação e significação do espaço.

Em sintonia com a homenagem que prestamos às nossas editoras na abertura deste editorial, encerramos a edição com a publicação de três textos que celebram a vida e o legado da professora Josette Lydie Madeleine Lenz Cesar, falecida em 2024. Os relatos de **Maria Célia Nunes Coelho**, **Jorge Soares Marques** e **Paulo Márcio Leal de Menezes** se complementam para traçar o perfil de uma profissional que foi fundamental na formação de gerações de profissionais da geografia, da cartografia e da engenharia de diversas instituições do Rio de Janeiro. As homenagens resgatam não apenas a sua reconhecida competência e rigor no ensino da cartografia e na interpretação de fotografias aéreas, como ainda contextualizam sua trajetória em um período de profundas transformações tecnológicas (do uso da fotografia aérea ao do sensoriamento remoto) e institucionais. Sua vasta coleção de mapas e fotografias aéreas continua a servir como um recurso valioso no laboratório de Cartografia da UFRJ, mas o legado da professora Josette, como os textos demonstram, reside na clareza técnica, no rigor metodológico e na compreensão de que mapas e imagens são, antes de tudo, fontes indispensáveis para a análise geográfica.

Esperamos que a leitura dos trabalhos aqui reunidos inspire novas reflexões e reforce a importância do pensamento geográfico para a compreensão dos desafios do nosso tempo.

Boa leitura a todas e a todos!

REBECA STEIMAN

Editora-chefe

Rio de Janeiro, junho 2025